

FASTOS

232-A

AUTORES: RITA COLETTANO
CARLÃO GONÇALVES

PEÇA DE TEATRO EM UM ATO COM NOIS CENAS.

CENÁRIO DEPOJADO

ÉPOCA ATUAL

(DEIS PERSONAGENS PARA QUATRO ATORES)

PERSONAGENS

JOSÉ BRASOL (J.B.)

JOSÉ BRASOL 2 (J.B.2)

ESMERALDA BRANCA (E.B.)

ESMERALDA BRANCA 2 (E.B.2)

SÃO PAULO, maio de 1987.

[Handwritten signature]
P.1

Black out. Entram JB, JZ, EB e E2. Luz crepusc. música e conceito
 fim que representa Marquim em sua vitrine. Toca todos de novo.

CENA II -

O CEGO

JZ entra com bengala e revistas. EB, com livros, entra correndo
 e atropela JZ

EB: Desculpe.

JZ: Me ajude.

EB: Desculpe. Além disso perdi seu colibri.

JZ: Top cego.

EB: Jogue os livros em JZ! De repente... Não o corraça!

JZ: Deixe-me tocá-lo. Você não se é estranha. (Pausa breve) Você
 que poderia me indicar a direção da biblioteca?

EB: Claro que posso. (Apaga as revistas). Entremos perto. Vamos?

JZ: Vê minha bengala pelo chão?

EB: Está aqui.

JZ: Obrigado.

EB: Lembrando! Há muito tempo você é cego?

JZ: Não muito. Há vinte anos.

EB: Nossa! Você parece ter se adaptado muito a cinco anos.

JZ: É tanto vinte e cinco anos. Vinte de quequeira, não voltarei
 a enxergar.

EB: Como assim?

JZ: Quer saber mesmo? Me ligue um dia qualquer. Não ficarei cego
 por nada vinte anos, promessa.

EB: Pronto. Agora é só seguir na frente.

JZ: Muito obrigado.

EB: Ei! Espere. Qual é seu nome? O meu nome é Branca, Generalda
 Branca.

JZ: Olá Branca. O meu nome é José Brasil. (Sil)

EB: José Brasil...

CENA III -

O CEGO

EB tenta de roupa diante do espelho que é E2. O espelho se inverte
 E2 assume a cena. EB sai.

1.2



[Toca o telefone. E] atende em um tubo de Lagoa]

E: Alô?

Voz off: (Entusiasmada) Alô Flávia! Aqui é a mãe.

E: Oá mãe, tudo bom?

Voz off: Brenda, estou te ligando para te contar da Jefa. A prima da Mariana. Você não vai acreditar.

E: Não mãe. Agora não.

Voz off: Biquinha. O Bastião deixou ela grávida e a abandonou na praia...

E: Tá bom mãe.

Voz off: Parê, eu não termino.

E: Tá bom!

Voz off: (Muito grossa) Cai um corpo no rio Tietê.

CENA V -

O CORPO

[J coloca minicera de sapênis. Vários bonecos mais CB, JB e JJ são arrastados no chão]

J: (Irritada) Sai daí, sai daí, vão embora daqui. [JJ e CB vão retirando os bonecos] Sai, sai. [Pega 2 bonecos, sai também]

CENA VI -

O CARRO

JB: (Que permanecerá no palco) Paralisa de carro. Fingendo não ag
no tempo. Tá, vou ter que empurrar. [Pega duas cadêncas] Brega
Vai ter que pagar (Linha no carro, tenta dar partida) Hum, Wrum,
Wm, mhm, mhm, mhm, Rum, rum, rummmmm. Plof, plof, plof, Brega.

[O carro pega] Wrum, Wru, WRUM, Paga! Ô-ô-ô José Brasil. Ô-ô-ô,

CENA VII -

A PAQUERA

[Entre CB trazendo os bonecos]

JB: (Assustada) Fi, fim. Ei! E aí patincha?

CB: E aí cara?

JB: Vem dar um rolê? E aí entrar nesta joia?

CB: (Fascinada com o carro) Que joia?

JB: Zueira Brasileira, ao seu dispor.

CB: Prazer, Senhores. (Para o casal Brasileiro, Deus, verde metálico.
JB: Não, na USA, não.

CB: (Retra no carro) Que maravilha! O volante é automático.
Diga só as botões do Farol! O pisca, o parabrisa, a velocidade -
tra, o contator, (Rulha-se), o volante, (Rulha-se) com um carro
é um... (Rulha-se no câmbio). O câmbio, não é como que câmbio?
(Rulha-se) Ele só a primeira, a segunda, a terceira, (Rulha-
se) a quarta.

JB: (Soltando) Para o freio de mão. Não.

CB: (Um "oi" Você se deu agora quer tirar?

JB: Não, O lugar aqui é a casa, você sabia?

CB: O quê?

JB: A casa. Eu e você.

CB: Então vamos. (JB aperta CB que vê uma marcha no chão). Diga só
João, a marcha do carro não.

JB: (A solta) Marcha do carro não?

CB: (Aperta para marchas) Ele quer.

JB: Isso é não.

CENA VIII

POSSA

(JB vai andando de roupa durante a poesia)

JB: (Retra) Minha vida não haja vida
Esta minha vida devaneja
Aparição entre a mulher e a toja.
No inferno do perdido espero que eu renasça.

CB: (Canta) Vida esta eternamente louca.
Sempre praticada por mim e ti no clama.
Ade que a paternidade se destrua.
E a força do nosso amor renasça.

JB: (Retra) De macho se acordar a renasça.
Mais uma noite se teu amor infama
Eu que minha vida estanca.
Que consiga evitar que eu ti e meu amor destrua.

CB: Na espelha só vejo meu reflexo.
Na tua presença o meu corpo vacila.
Em tua sintonia o meu desejo te assimila.
Na tua boca rejubila a força de nosso amor
completa.

TOCOS: O SÍMBO

CENA IX - VAMPÍROS

CB pega as buquetas de CB, fazendo delas uma cruz. Impunido
CB e JB que carregam no fundo de cena JB sai. CB transforma a
cruz em agulhas de trico e se afeta.

CENA X - O LUTO

JB trabalha com sintonia variada o mundo de um jeito, até che-
gar a loucura.

CENA XI - TRANSITO

TOCOS: (São José Brasil.) É hoje.

JB: (Se vestindo) Vou encontrar o diabo.

CB: (A terceira vez que chega atarrado esta manhã.

JB: (Atravessa a rua). O meu, só se respeito os pedestres.

CB: Tomara que meu filho seja catagórico de AIDS.

CB: Sou casado.

JB: Depois aquela palhaça do chefe ainda pergunta porque chega
atarrado.

JB: Logo mais de mais hora só para atravessar esta rua.

TOCOS: (Ministrado) MURDAS

CB: (Se arrumando) Vamos lá José Brasil.

JB: Sempre frio.

JB: Vamos lá.

CENA XII - ESCRITÓRIO

TOCOS: (Como um pouco a frente) Bom dia chefe.

CB: (Assumi a posição do chefe) Logo não tenho de chegar Sr. José?

JB: Meu chefe, esta tal passadeira que prometaram.

CB: Entre governados.

JB: Sei governador

JB: É sempre a mesma

EP: BOTA.

EB: Que possibilidade o quê? Estou daqui vendo quais são os problemas dos meus funcionários. O meu problema Sr. José Brasil, é a / incompetência. O que falta para a Sr. é um pouco mais de responsabilidades e não possibilidades. Está bem?

TOCOS: O QUE?

CENA XIII - TRABALHINHA

EB coloca uma mala na cabeça, assume o papel de um trabalhinho. Durante as falas não se despiu.

EB: Paga ele.

JB: Segura ele.

JB: Trabalhinho filho da puta.

JB: Devolve minha cartolina.

EB, JB, JB: Paga, Paga, Paga.

EB (Aponta para frente): Paga esse pivete.

JB: Paga.

JB: Segura.

EB: Minha cartolina.

TOCOS: Paga, paga, paga.

CENA XIV - ENCHER/ ENGAZAR

Os três começam a encher com balões que flutuam. Ao chegarem ao centro do palco envasam de uma só vez. JB e EB saem.

CENA XV - CILADA

EB: Olá José.

JB: Você se lembra quando morávamos com você?

EB: Claro que não.

JB: Será que isto é um sonho?

EB: Eu acho ele maravilhoso.

JB: Já tive este sonho.

EB: Seu nome é Branco.

JB: Você é Branco.

EB: Seu nome é Generaldo Branco. Eu sou preto.

JB: (Enferrujando como um sêco). Você é Branco, é Branco.

(Ambos correm)

(J2 e J3 assumem as posições de J1 e J2 respectivamente. Desencobrem uma coreografia baseada no trabalho do rural. Ingressam na cena de cena).

CENA XVII -

REIJO

(J1 e J2 assumem suas posições como ficaram na cena anterior. J2 e J3 entram. J1 e J2 saem para frente até o encontro das pernas. J2 dá um tapa na cara de J1 que revê-la. J2 beija J1 como em um tangal).

CENA XVIII -

ENLACE

(Entra J2 com uma caixa de sapatos. Interrupção o beijo. J1 sai. Durante esta cena J1 e J2 assumem a cena de jantar).

J2: Ei aqui? Tá um sai gostoso. O senhor não acha que tem inveja é muito feio? Pelo menos é o que meu avô me fala.

J1: Não diga.

J2: As vezes, fico pensando que...

J1: É daí?

J2: Olhando para o crachê? Meu nome é José Brasil mesmo?

J1: É.

J2: Tu também se chama José. Me lembra das cartais?

J1: Não.

J2: E agora?

J1: Já é tarde.

J2: É um conto e eu não sei?

J1: Negativo.

J2: Mostra a sala do hospital é.

J1: Faltam.

J2: Me dá um tálio?

J1: Não.

J2: Me cigarro?

J1: Tá machucado.

J2: Meu vô também tem um. O do senhor é preto?

J1: Não chegou.

J2: Não tem problema, tenho todos os cores. (Pega as latas do crachê).

Amel. Branco. Lata 1 e mais de minha mãe, sabia logo? Tinha mais,
costa, costinha e lençol especial. Ofereço o pó de Jô! Vai ficar um
vermelho.

Jô! (Cantando) Jô! Para moleques.

Jô! O serviço mais bem feito da praça do Bô.

Jô! Desesperado.

Jô! Tachou Jô!

Jô! (Muito nervoso) O que é?

Jô! Qual gracha?

Jô! (Indolente) NÃO.

Jô! SEMA.

1. Assim se atiram. Jô se afasta correndo.

Jô! Espere. Não deu um abraço.

Jô! Para gracha?

Jô! (Sério) Por um revólver.

CENA XIX -

JUSTAS

1. O1 e O2 entregam as velas para Jô e J2. Penumbra. O1 com J2 e O2
com Jô sentam-se e devoram um ao outro. Respiração é o foco de
atenção desta cena. Depois as justas brindam, garçom e copos
dentro das copas. Pagam as velas e os "bons quises" fazem o O.
Apagam as velas e O1, O2, e Jô retiram os materiais.

CENA XX -

A FALTA DE ESPAÇO

Jô! Estava fumando no banheiro.

O1! (Bate na porta) Jô! (Bate mais forte) Filho, abre aí. (Bate)

João Brasil, abre esta porta. Abre aí.

Jô! Abre.

O1! (Abre a porta) Filho, quero saber de você...

Jô! Quero beber, comer e lá dentro, sem cigarro, sem venho.

O1! O que?

Jô! Quero. Lata 1 e receita.

O1! Você ficou louco?

Jô! Você deveria fazer parte de uma coisa.

O1! Credo!

Jô! Vigintis sacramenta abdicatis agora day.

O1! Você está criando?

Jô! (Sil.)

EB: Quero saber se vai almoçar?

JZ: Não a senhora interrompe nos momentos em que não vai almoçar?

EB: Vai ou não?

JZ: Preciso resolver, me falta espaço.

EB: Onde tirar o espaço?

JZ: Muito espaço.

EB: É o que tem quando dormes.

JZ: Jéssu.

EB: Me responde, vai almoçar ou não?

JZ: Não só não, sem não. Não vai almoçar na volta? Não. Não vou almoçar.

Então EB da casa pega o cigarro e sai.

CENA XII - MALTRAFILADA

(EZ e JB estão correndo. JB apertou a bitola).

EZ: O Zé, eu vi primeiro.

JB: Não vai dar niente.

EZ: Por quê?

JB: TÁ DÁ AFFER, Tu não podes.

EZ: Não só. Já estou pagando o mal de tempo, tu vem com esta papa bamba.

JB: É como as mulheres. Num dia tá, no outro...

EZ: BLUM! Tãtã.

JB: Tu sei que tu não.

EZ: A ventragão meu. Alto demais.

JB: É. Mas com é só nas costas, niente braco.

EZ: Precisamos tomar providências urgentes.

JB: Abaixo a importação.

EZ: Abaixo a exportação.

JB: Cada um come o que tem.

EZ: Tu gosta de Zé?

JB: Não mais de apeto. Tá com uma bota de estalido.

EZ: Dêta para bota? O livro não tá é para cara.

DEZ e JB saem.

CENA XIII - A BOTA

(Barrilha de bomba. JZ encapado tira o outro pé e sai. Foca na bota).

NOT OFF: Uma despedida Pense, pense, pense, pense, pense, pense
PENSE.

CENA XIII -- DISCURSO

Entre C2 com espantalho e C3 com roupa de mulher (pote).

C3 e C2: Sem espantalho, espante.

C2: Você temer não tem a última consideração para com as mulhe-
res.

C3: Jogo encerra dessexualidades de uma sociedade radical,

C2: machista, preconceituosa

C3: e decadente. De cada mil mulheres que vivem sob nossos olhos,

C2: Fato cerca 450 desprotegem e que significa a praga

C3: e a gloriosa renascença

C2: e C2: de um organismo total.

C3: Trabalho, trabalho, trabalho

C2: e a volta, enquanto as cartões de ponto se movem nos
chapeiros.

C3: não ainda estamos a plano vapor.

C2: A espera dos filhos

C3: E de marido. Pense como você precisa de um robô, não de uma
mulher.

C2: De um robô, não de uma mulher

C3: De um robô, não de uma mulher

CENA XIV -- JAPONÊS

C2 e C3 entram de braços, pernas fechadas na cintura. São golpes
de tatamê. C2 sai. C3 se veste de quimono.

C2 e C3: Iã, iã, iã (pote) iã.

C3: Quero janta.

C2: Comida.

C3: Coma, coma.

C2: Sei apertado, sei apertado.

C3: Rápido. Tanto pressa.

C2: Rápido, rápido.

C3: Um momento (pote) frigideira, coloque dentro uma das botas de
espantalho Pense, sr. José Brasil.

C2: Que ser isso?

JB: Ser birinchadeira de ora, Generalda Breves.

CB: Birinchadeira não, Ser carne de Bicho.

J2 e JB: Bitch!!!!

J2: Que bicho ser esse?

CB: Carne de bicho birincherra.

JB e J2: Birincherra? (Saem da casa laques com as fossas expostas)

CB: (Peça um laque ainda fechado) Birincherra.

CB entra cantando como se, um show, se dança sobre seus laques e se portam como quiques).

CB: (Cantando) No alto da montanha tem um bezerro magro
Seu nome é Godofredo. Godofredo Parolin.
No alto da montanha tem um cachorro gordo.
Seu nome é Nizacor. Nizacor de Rab- Rango.
Amem não competem, assim, assim, assim
Baaaam inimigos, serão até o fim.
Derretem e derretem

Todos: Vão tomar no cã.

CB: No alto da montanha tem um birincherra (sai)

CB: 1ã, 1ã, 1ã.

CB entra com laque e kincro, fecha os laques, inventada como sapadachina)

Todos: Argã.

CB troca de roupa de JB como uma quique, sai. CB e J2 lutam como sapadachina até que J2 varre CB que e tira de casa e também sai).

CENA XVI - LUGO-DADA

JB coloca uma taca de crianga, pega um bonase!

JB: 2ã, 2ã. Guqo-dada, (horri) laqu dã. (Peça bota que ficou na
casa, bota com ela violentamente! Guq dag blag vqg pib bag ugu
folem rid vaid. Fid ud deu guqo dagu gada dadeu pib bag.
(sai levando bota e bonase!)

CENA XVII - KRISHINA

(Saem um grupo. Todos entram vestidos de Krishina tocando instrumentos, aiana, aiana. Se alinham na boca da casa e tocam uma panela)

CENA XVIII - CACRE

(De dentro das vestes tiras opaco. Passam ao rosto em sentido do
eixo da cruz. Logo se começa de um sentido diferente dando a
idéia de norte, sul, leste, oeste)

CENA XXIII - SILÊNCIO

(Não se passa a frente. Nesta cena não há música nem palavras,
apenas acções e reações).

CENA XXIV - O GRITO

Logo alguns segundos, IT dá um enorme grito de dor e se lança ao
palco e vai correndo. (O, M, e IT deixam cair suas vestes e vão
saída de cena andando rapidamente visando espantadamente para a
platéia. Fora nas vestes).

FIM